

Transportes: um período difícil

por S. Stéfani
de São Paulo

O setor de materiais de transporte atravessa um período difícil. Formado por dois segmentos industriais distintos — um basicamente dependente das verbas governamentais e o outro mais ligado às regras de mercado que regem o comércio de bens de consumo duráveis —, ele enfrenta um quadro diversificado de problemas que, independentemente de sua variedade, acabam desembocando no mesmo resultado final: alta ociosidade operacional.

Os fabricantes de veículos, conforme o relato dos representantes da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Lineu Alvim Coelho Jr., secretário executivo da entidade, e Miguel Gomes de Almeida Filho, assessor econômico, continuam às voltas com os mesmos problemas que derrubaram as

vendas do setor, no ano passado, em 40%: altas taxas de juros, dificuldades de crédito, achatamento da renda da classe média, insegurança em relação à manutenção futura do emprego pelos consumidores e aumento do ritmo de crescimento da inflação, com reflexos diretos no preço final de venda dos produtos.

A indústria de material ferroviário, de seu lado, amarga, conforme o representante da Associação Brasileira da Indústria de Material Ferroviário (Abifer), Fábio Kowarick, diretor executivo da entidade, os efeitos do não cumprimento pelo governo federal de seus programas de compras, bem como as dificuldades financeiras decorrentes do não pagamento no prazo, pelas companhias de transporte ferroviário, das dívidas contraídas em contratos anteriores.

Na prática, este segmento do setor de materiais de transporte, que tem capaci-

dade para produzir por exemplo 9 mil vagões de carga ao ano, deverá fabricar, em 1982, quando muito, 1,5 mil. As fábricas de locomotivas e de carros ferroviários de passageiros igualmente operam, este ano, com larga capacidade ociosa.

Os fabricantes de veículos, de qualquer forma, mostram-se otimistas em relação aos efeitos positivos, nesta segunda metade do ano, dos novos modelos que estão sendo lançados e das vendas de carros a álcool, que já começam a reagir às medidas de incentivo adotadas pelo governo federal. E acreditam que, com esta ajuda, conseguirão chegar ao final do ano com um crescimento da produção superior a 10%, tal como o previsto no princípio do ano, mesmo com as dificuldades que estão encontrando para vender no exterior, onde a performance das diversas montadoras, na esmagadora maioria dos casos, está cerca de 50% abaixo em relação a 1981.

Os fabricantes de materiais ferroviários, por sua vez, tentam conseguir do governo um plano de emergência, representado, na prática, por um volume mínimo de encomendas suficientemente generoso para manter o setor funcionando de forma economicamente viável, nos dois próximos anos.